



FATORES DE RISCO E PROTEÇÃO PARA BEBÊS PREMATUROS

SILVA, Andressa Larissa Reis¹ (larissa_reis2695@hotmail.com); **AMORIM**, Adrielly Faustino¹ (adriellyamorim@live.com); **PEREIRA**, Veronica Aparecida² (veronica.ufgd.tci@gmail.com).

¹Discente do curso de Psicologia da UFGD – Dourados;

²Docente do curso de Psicologia da UFGD – Dourados.

O nascimento prematuro e as consequências associadas ao mesmo pode interferir na forma como a família se relaciona com o bebê, estabelecendo comportamentos de superproteção ou mesmo de afastamento. Nos casos de internação neonatal, estudos têm indicado que o tempo de internação é uma variável que interfere nas relações e cuidados familiares. Outros fatores também podem interferir, como as condições familiares. Neste estudo buscou-se avaliar o desenvolvimento infantil de bebês prematuros e fatores de risco e proteção relacionados: amamentação, variáveis maternas (idade, nível de instrução, aleitamento, indicadores de ansiedade e depressão pós-parto) variáveis do bebê (idade gestacional, período de internação, tempo de amamentação). Participaram do estudo 24 bebês prematuros, com idade gestacional média de 34,6 semanas (mínimo 30,6 e máximo 36,6) e suas respectivas mães. Os bebês nasceram na maternidade do Hospital Universitário da UFGD, no ano de 2018, e suas mães foram contatadas logo depois do parto, sendo convidadas a participar da pesquisa. No segundo mês de vida do bebê, as mães compareceram ao Laboratório Serviço de Psicologia Aplicada – UFGD, quando responderam a uma entrevista semiestruturada a Escala de Depressão Pós-Parto (EPDS) e Inventário de Ansiedade Traço-Estado. No terceiro mês os bebês foram avaliados a partir da escala de desenvolvimento Bayley (III), nas subescalas motor, linguagem e cognição. A análise de dados indicou, em relação ao aleitamento, um curto período de internação. Entre os participantes 55,6% ficaram internados três dias, 22,2% quatro dias e 11,1% não chegaram a ficar internados. O curto período de internação, ou ausência desse fato, não prejudicou a amamentação, visto que todas as mães conseguiram amamentar, sendo 29,6% amamentação exclusiva e 59,3% amamentação mista. Em relação ao desenvolvimento dos bebês prematuros, observou-se bom desempenho em todas as subescalas, com melhor desempenho em linguagem (cognição média 76,88; linguagem 90,04; motor 81,21). Houve correlações positivas, indicando que as mães com formação mais elevada tiveram bebês com melhor desempenho nas áreas de Linguagem ($p=0,016$) e desenvolvimento motor ($p=0,008$), assim como os bebês com amamentação exclusiva foram melhores desenvolvimento motor (0,024). As correlações negativas indicaram pior desempenho dos bebês na área motora quando as mães tiveram escores mais elevados para depressão pós-parto (0,020) e ansiedade ($p=0,050$). Os dados apontam que, apesar de prematuros, os bebês da presente amostra não apresentavam grandes riscos, considerando a idade gestacional média e curto período de internação. Porém, a saúde emocional materna pode ser um fator de risco, quando observados sinais de ansiedade e depressão pós-parto. São fatores protetivos o nível de instrução das mães e a oferta de amamentação exclusiva.

PALAVRAS-CHAVE: prematuridade, saúde-materno infantil, amamentação.

AGRADECIMENTOS: Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).